

TALVEZ UM INSTRUMENTO
O QUE SE HOUE AO FUNDO



GUTO LEITE

TALVEZ
UM
INSTRUMENTO
O
QUE
SE
HOUE
AO
FUNDO



© Moinhos, 2017.
© Guto Leite, 2017.

Edição:
Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:
Sérgio Ricardo

Revisão:
LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:
LiteraturaBr Editorial

Capa:
Humberto Nunes

1ª edição, Belo Horizonte, 2017.

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

L533t
Leite, Guto | Talvez um instrumento o que se houve ao fundo

ISBN 978-85-92579-55-5
CDD 869.91
Índices para catálogo sistemático
1. Poesia 2. Poesia Brasileira I. Título

Belo Horizonte:
Editora Moinhos
2017 | p. 118 ; 21 cm

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Moinhos
Rua Gustavo Ladeira, n. 11, 506/01
Paquetá — Belo Horizonte
Minas Gerais — CEP 31330 572
editoramoinhos.com.br
contato@editoramoinhos.com.br

Apresentação

Ajeite-se o leitor (ouvido, olhos e coração) antes de entrar neste pequeno universo de energias tensionadas que *é talvez um instrumento o que se houve ao fundo*. Espécie de espelho contemporâneo do sistema dantesco da *Commedia*, este livro de Guto Leite também exibe uma tabuleta, um alerta para que aqueles que o percorrem. Que não percam a negatividade ao olhar para cada peça desse mundo que se abre aos olhos: “se teu verso não causa/ náusea ou suicídio/ é propaganda”. A negatividade, feita sintoma e ação, aqui é um valor de conhecimento, ao passo que também é o grande lastro estético desta poesia.

Nada tem descanso, nada tem conforto, nada consola, embora nós, os “satisfeitos de si”, encontremos um certo gozo no desespero provocado pelos versos de Guto Leite, que jamais são propaganda. Desde a primeira seção do livro, o equivalente do “Inferno” dantesco, já estamos frente a frente com um jorro poético que nos leva por um percurso no íntimo da voz que fala. Vamos às suas heranças literárias, vamos aos vínculos de família, vamos ao núcleo político do seu lugar de voz. Estamos diante de algo que morreu (a poesia?), mas não sabemos se o morto é fantasma, ou cadáver, ou zumbi. Alguém (do além?) nos fala, nos convence da vertigem da viagem e põe a nu o lugar necessariamente incômodo da arte no mundo-mercado-contemporâneo; tudo isso através de uma prosa poética que é fruto do tensionamento entre os ritmos próprios da narrativa e aqueles especificamente líricos. Uma história frustrada, já terminada, se choca com a ânsia de construção: tudo é dado ao leitor já assustado na sobrecarga do fluxo poético às vezes

sufocante. Toda esperança se perde; e, ao mesmo tempo, se renova, exatamente porque a forma não pacifica.

O purgatório de Guto Leite ganha contornos epigramáticos. Abre-se então espaço para algo que estava vibrando em surdina na primeira parte do livro: o humor. Posto em função de crítica, o riso agudo e nada comportado dos pequenos epigramas ouvidos e recolhidos à boca pequena (na cidade?, no jornal? na sala de estar? nas redes sociais?) revelam pelo avesso o drama interno que acompanhamos na enchente verbal do primeiro momento. Aqui é o ouvido atento que é capaz de diagnosticar a sociedade e de apresentar a dor da vida para além dos pacotes midiáticos que nos fazem engolir diuturnamente os donos do poder e da cultura. A poesia aqui, então, é um grande processador de dramas, que os põe a nu e em escala mínima, cujo tempero de humor faz tudo ganhar força de choque, na boa lembrança do que Benjamim assinalava acerca de Baudelaire.

A última parte do livro, o seu “paraíso”, brinda o leitor com uma irretocável elegância lírica. Mas, se se permite dizer, a elegância jamais é trabalhada como algo externo ao fantasma ou ao cadáver que é a poesia na vida do alto capitalismo. A elegância poética é mesmo, neste caso, uma outra face do colapso (ou tragédia) em que se mete arte nesta etapa do mundo. Ressaltam neste contexto a rigorosa composição de ritmos, sonoridades, métricas, sempre em relação a uma dicção antes de qualquer coisa crítica. A perquirição central deste terceiro conjunto de poemas é, salvo engano, sobre o valor. Quanto valem as coisas, quanto valem as penas, quanto valem os poemas? Questões estas que jamais perdem a sintonia com o lugar político da fala poética; um conteúdo, aliás, estruturante da forma buscada por Guto Leite, como vemos no quarteto de um dos poemas a Buenos Aires: “quando de fato não somos/ más do que empleados/ a brigar pela gerência/ deste

estacionamento”. Concretismo, parnasianismo, cabralismo e outros “ismos” são mobilizados como estigmas compositivos de um olhar desconfiado para a tradição, o que resulta num modo de compor que só faz sentido se for capaz de expor a chaga aberta da sociedade atual. Dessa poética arisca, nervosa, quase a um passo do selvagem, vira emblema um “Brinde”: “dequantascrianças/ t i r a m o s a vida/ pra ter p o e s i a/ com física quântica”.

Este é o instrumento dantesco que toca ao fundo, um que já se houve, mas permanece, nem que seja como simulacro. Estamos avisados de que é força deixar a esperança de parte; mas também estamos avisados de que, embora não haja redenção à vista, nossa comédia humana, ainda é revolvida pelas vísceras com a melhor poesia que vem dos versos de Guto Leite.

por **Alexandre Pilati**



A QUEDA

*tal mi fece la bestia senza pace,
che, venendomi'ncontro, a poco a poco
mi ripigneva là dove 'l sol tace*



da primeira vez que morri foi uma espécie de susto puxei o ar inutilmente ar não era o problema e caí como do sono no horror macio da cama da segunda de súbito uma dor aguda rasgou-me do peito para cá fora farpa extensa e pontuda quedei esquecido feito estopa velha da terceira descobri tarde que estava morrendo uma centena de células por vez apodreciam no tronco jeito que deus inventou pra matar a classe média não há o que fazer lembro de ouvir antes da vertigem e entre o que fora e o que era formou-se uma ponte fina de ataduras soros analgésicos choros de familiares da quarta intervi magroexasperado me leve logo cortemos o papo derrame sua foice do modo que for conduza-me rápido para o outro lado do rio retire-me já dos demais viventes a morte premente que é o caso enlutado cansou-se de mim e em uma voz de mil séculos bradou

quero que saibas que de agora em diante estás morto assim te deixo em definitivo muitos dirão que não que estás vivo mas é melhor pra ti que não te enganes não pousarão em ti os passarinhos não lambeirão teus dedos os cães mulher nenhuma terá prazer contigo te evitarão se possível nos bancos de ônibus pior do que estar vivo que estar morto é isto sobre teus sentidos decantarão os anos e quando começares a te iludir sobre talvez compreender os franzinos motivos quando este equívoco te propiciar um arremedo de signo irás sumir desde aquilo caminho com essa comodidade de estar morto pro mundo que não chega a mim de estar vivo pra mim mesmo alheio ao mundo desde aquilo caminho com essa condição de seguir sabendo que acabou tudo de falar sentindo que minha voz secou de amar represado nesta pele podre de beijar macilento a boca do amor

das vezes que me perco comovido e só penso que outros também vão mortos como eu mas como perguntar a alguém tu tá morto como desvendar um pacto que não seu como destrinxar os íntimos contratos feitos pó para ser como tocar a pele para ver se esfria mergulhar nos olhos gélidas baías e perguntar pelos sonhos pegadas sutis da vida tímido ainda brasileiro errante corro até mesmo da suspeita da morte por isso não me veem em enforcamentos por isso não estou em decapitações as mortes na fogueira também as evito câmeras de gás injeções letais cadeiras elétricas esfolar-ladrão não é bem o incômodo de esvair-se o vivo veja nisso me letrei e sou como os franceses que estampam cabeças de muçulmanos em selos comemorativos mas saber do engano de que se morre uma vez de que é definitivo ouça o que digo se é que o digo bem

óbitos replicados de um só ser
lagos paralelos cujas imagens id
enticamente menores se perdem no
fundo ecos que soam desaparecer m
as estão apenas mais baixos baixís
simos quando alargamos o tempo os
ouvimos soar congelados vastos im
ensos pelo meticuloso cuidado volt
emos perdão a falar de mim nós quem
disse que será a primeira vez qu
ando você morrer que eu morri essa
verdade abafada em cada mísero
gesto essa força motriz que nos
leva em silêncio a mão que acena
velada sob o manto o pano dos n
oivos de antigos casamentos o que
somos sempre sem falar a respeito
escorados na esperança de no fim
da história sobrar simplesmente f
ora do foco da foice que façam
download de nossas almas que em
gelo aprisionem nossos frágeis cá
lcios que prendam de vez se houver
o que prenda que seja proibido nos
suicidarmos e se nada der certo

que sejamos arrasados todos numa fascinante e plástica hecatombe morrer todo mundo explodirem tudo esse é o mínimo que queremos quando for para ser daí é que estamos com medo da morte que nem morte é e sendo são muitas temendo o velório muito antes carpido protegendo de quê nossos entes queridos adiando-nos enquanto for possível se cai uma árvore lá dentro da mata nós alimentamos se uma doce barata se exaure em culpa nós a enterramos choramos a brevidade dos pernilongos mas o que nos faz mais melhor do que eles que feito nos distingue da animália anônima talvez machado mereça um enterro mas quantos outros amados rosas ramos carlos se não os somos estamos há tanto tempo mortos enterrados putrefatos póstumos nunca nascemos de fato como quase todos não nascem nos próximos milhares e milhares de anos aqui nos complicamos